PRÁTICAS COLETIVAS DE ENSINO MUSICAL EM CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO:

Experiências Formativas em uma Ong

Comunicação

Fabiola Santos de Araújo
Universidade Federal da Paraíba
fabiola.santos@ufpe.br

Carla Pereira dos Santos
Universidade Federal da Paraíba
musiviver@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de Conclusão de Curso (TCC), realizada no curso de licenciatura em música da UFPB. A pesquisa teve como objetivo compreender como se desenvolviam as práticas de ensino musical em uma ONG da cidade de Bayeux, na Paraíba, buscando analisar as estratégias pedagógicas utilizadas e os sentidos formativos atribuídos às experiências musicais pelos participantes. O estudo de caso qualitativo foi tomado como caminho metodológico e a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Os dados foram analisados a partir de categorias construídas com base nas narrativas dos participantes e articuladas ao referencial teórico da área de educação musical em contextos não formais. Os resultados indicaram que a ONG constitui-se como espaço de iniciação musical, socialização e formação humana, no qual o ensino coletivo, o fazer musical e as experiências de participação contribuíram para a construção de vínculos, permanência dos estudantes na instituição e desenvolvimento de trajetórias formativas relacionadas à música.

Palavras-chave: educação musical; ensino coletivo; projetos sociais em música

Introdução

A educação contemporânea tem centrado seu foco de estudo e o seu campo de abordagens em práticas diversificadas nos múltiplos contextos de ensino e aprendizagem que se estabelecem em nossa sociedade. Nessa mesma perspectiva a área de educação musical tem se mostrado ampla e complexa, contemplando contextos, espaços e metodologias que transcendem os universos formais das instituições. Dessa forma, o ensino da música tem estabelecido diversos desafios para os educadores musicais, que atuam prioritariamente na sala de aula, demonstrando a necessidade de que eles ampliem e reflitam sobre as novas

perspectivas, possibilidades e caminhos da educação musical no Brasil, adequando, assim, suas estratégias de ensino (ALMEIDA, 2005; ARROYO, 2002; FIALHO, 2003; QUEIROZ, 2004, 2005; SOUZA, 2004).

Entre as diversificadas práticas e suas formas de ensino e aprendizagem da música na sociedade contemporânea podemos destacar, ao longo das últimas duas décadas, a forte ascensão dos projetos sociais, muitas vezes ligados a ONGs e outras instituições do terceiro setor, que focam um ensino da música contextualizado com o universo sociocultural, tanto dos alunos quanto dos múltiplos espaços em que acontecem. Como afirma Müller (2004, p. 53), "ultimamente, pode-se dizer do que se tem visto na mídia, que há uma farta proliferação de atividades que envolvem música em comunidades, favelas, associações de bairro, clubes e tantas outras formas de agrupamentos sociais".

Essas práticas musicais propostas contemplam um número significativo de pessoas que, não tendo acesso ao ensino musical formal, encontram nesses projetos a possibilidade de conhecer, fazer e praticar música. Kleber (2003, 2004), em seus estudos, reafirma a importância das ONGs enquanto um campo emergente e significativo para uma educação musical inclusiva, que agregada a dimensões mais amplas são capazes de promover a transformação social. Os projetos propostos por essas organizações extrapolam os limites formais de ensino, e, portanto, são realizados em diferentes espaços, dentro das próprias comunidades, criando assim uma forte aproximação entre a realidade de seu público e a prática educativa. Nesse sentido, Souza afirma:

> Como ser social, os alunos não são iguais. Constroem-se nas vivências e nas experiências sociais em diferentes lugares, em casa, na igreja, nos bairros, escolas, e são construídos como sujeitos diferentes e diferenciados, no seu tempo-espaço. E nós, professores, não estamos diante de alunos iguais, mas jovens ou crianças que são singulares e heterogêneos socioculturalmente, e imersos na complexidade da vida humana (SOUZA, 2004, p. 10).

Diante dessas singularidades, os projetos sociais em música podem se apresentar por diferentes perspectivas, e nem sempre têm como finalidade o ensino de música, mas, em certos casos, a música é utilizada apenas como elemento de integração social. Segundo Kater (2004), os projetos desenvolvidos nessas circunstâncias podem apresentar problemas relativos à formação musical e podem tornar-se vazios e subaproveitados, desvalorizando o

valioso potencial educativo e formador normalmente intrínseco a eles, passando apenas a constituir-se como uma forma de lazer ou passatempo sem uma efetivação consistente de sua proposta (KATER, 2004).

Nesses casos, a música é compreendida não por sua importância como área de conhecimento, que possibilitará a formação musical e artística, mas apenas como meio para alcançar o desenvolvimento global, para propiciar a inclusão social e a formação humana dos participantes. No entanto, a música dialoga com tais elementos formativos e humanos, sem desconsiderar suas especificidades. Na perspectiva de Santos:

> [...] Atuar em projetos sociais requer do educador musical uma concepção filosófica, postura política, coragem para agir motivado pela possibilidade de transformação da pessoa e da sociedade; requer mais do que uma relação teórica com a música, mas uma formação musical em termos teóricos e criativos e também o conhecimento de áreas afins [...] (SANTOS, 2004, p. 60).

Assim sendo, ao refletir sobre essas discussões, é possível perceber que um dos grandes desafios da educação musical contemporânea tem sido contemplar a diversidade sociocultural existente, bem como encontrar meios de aproximar significativamente a música dessas realidades, visto que ainda se vê um enorme distanciamento entre as ações educativas, levantada e defendida nas atuais investigações da área e sua efetiva aplicação prática. Como afirma Souza (2004, p. 8) “A música ainda aparece como um objeto que pode ser tratado descontextualizado de sua produção sociocultural. Nos discursos e nas práticas ainda temos dificuldades de incluir todos aqueles ensinamentos das mais recentes pesquisas da área de musicologia, etnomusicologia e mesmo da educação musical”. Nesse sentido, Bozon (2000) considera importante chamar a atenção para o caráter social da música devido a sua prática em si implicar em relações interpessoais, afirma ainda, com base em estudos realizados que a música pode constituir-se como um fenômeno de sociabilidade.

Em suma, é possível assim dizer que projetos sociais em música, quando desenvolvidos de forma consistente, articulados com a realidade sociocultural dos indivíduos, podem ser considerados como um importante veículo educativo-musical, proporcionando significativos resultados, não apenas no que concerne à formação musical, mas também no que diz respeito a outras dimensões da formação humana.

Este artigo resulta de um recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvida a partir das memórias e experiências construídas pelo pesquisador em um projeto social de educação musical localizado no município de Bayeux. A investigação surgiu da trajetória pessoal junto à instituição, espaço em que ocorreu o primeiro contato sistematizado com a música e no qual foi amadurecido o interesse pela formação musical.

A escolha da temática esteve relacionada às inquietações produzidas pelas experiências vivenciadas no projeto social, especialmente em relação ao envolvimento dos estudantes com as atividades musicais desenvolvidas no espaço. Durante a participação na instituição, foi possível observar que, mesmo diante da oferta simultânea de diferentes oficinas e atividades educativas, muitos participantes demonstravam forte interesse pelas aulas de música e pelas práticas coletivas realizadas nos grupos musicais. Tal aspecto despertou reflexões acerca dos sentidos atribuídos à experiência musical pelos alunos e sobre as possíveis contribuições dessas práticas para suas trajetórias pessoais, educacionais e profissionais.

Desse modo, o presente texto tem como finalidade discutir a relevância de um projeto social para determinada comunidade a partir das memórias musicais suscitadas no decorrer da pesquisa de TCC. Busca-se compreender como as práticas musicais desenvolvidas nesse contexto foram significadas pelos participantes e de que maneira essas experiências repercutiram em seus processos de formação humana, social e musical.

Educação musical em contextos não formais

O conceito de educação não formal integra, junto à educação formal e informal, uma tríade amplamente discutida no campo da sociologia da educação. Afonso (2001) situa a educação não formal e a informal sob a designação mais ampla de educação não escolar, destacando que esse campo não deve ser compreendido em oposição à escola, mas como espaço que historicamente coexiste com ela, ainda que hoje ganhe centralidade crescente diante das transformações nas políticas educativas. Gohn (1999) reforça essa discussão ao tratar a educação não formal em articulação com a cultura política, evidenciando sua dimensão social e coletiva. Para a autora, a educação não formal designa um processo com múltiplas dimensões, entre elas a aprendizagem política dos direitos de cidadania, a

capacitação dos indivíduos para o trabalho por meio do desenvolvimento de habilidades, o exercício de práticas coletivas voltadas à solução de problemas comuns e a construção de uma leitura crítica do mundo (GOHN, 1999). Essa concepção amplia a compreensão da educação não formal para além da simples ausência de currículo ou de certificação, situando-a como um campo com finalidades formativas próprias, voltadas à convivência social, à participação cidadã e ao desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

As pesquisas em educação musical têm ampliado o olhar para além dos espaços escolares e conservatoriais, considerando diferentes contextos nos quais ocorrem processos de ensino e aprendizagem musical. Nesse sentido, projetos sociais, ONGs e instituições comunitárias têm sido compreendidos como espaços relevantes para o desenvolvimento de experiências musicais. Arroyo (2000) destaca que as práticas de ensino e aprendizagem musical precisam ser compreendidas considerando os diferentes contextos culturais e sociais em que acontecem. Nessa perspectiva, a música passa a ser entendida como prática social construída nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Kleber (2006) discute que projetos sociais envolvendo música frequentemente articulam formação musical e desenvolvimento humano, promovendo experiências relacionadas à convivência, participação coletiva e construção de vínculos. Nessas experiências, a aprendizagem musical acontece integrada às vivências sociais dos participantes. Do mesmo modo, Souza (2008) ressalta que os processos de aprender e ensinar música ocorrem em diferentes espaços do cotidiano, envolvendo experiências culturais diversas e múltiplas formas de relação com a música. Estudos mais recentes reforçam a atualidade e a permanência desse campo de investigação. Fontes Junior e Carvalho (2020), ao pesquisarem a ONG Ilha de Música, evidenciam uma abordagem de ensino pautada na valorização da intuição e da criatividade, sem prescindir do desenvolvimento técnico e do estudo teórico musical, reforçando a articulação entre formação musical e formação humana já discutida por Kleber (2006). Já Miliene e Eufrásio (2024), em mapeamento de projetos sociais de música na região do Alto Oeste Potiguar (RN), destacam a relevância dessas iniciativas para as comunidades atendidas, ao mesmo tempo em que apontam desafios enfrentados pelos professores que atuam nesses espaços, o que evidencia a necessidade de investigações que aprofundem tanto as potencialidades quanto as fragilidades dos processos formativos desenvolvidos em contextos não formais.

Em relação ao ensino coletivo, Cruvinel (2005) aponta que essa modalidade favorece processos de interação, cooperação e socialização entre os estudantes. Além disso, o ensino coletivo possibilita experiências de prática musical compartilhada, aspecto frequentemente presente em projetos sociais e contextos não formais. Nessa direção, Figueiredo e Schmidt (2008) compreendem o fazer musical como prática social que amplia as possibilidades de acesso à educação musical. A prática coletiva, nesse sentido, não se restringe à aprendizagem técnica, mas envolve experiências de participação e construção coletiva da música. Essas discussões permitem compreender que as práticas musicais desenvolvidas em contextos não formais frequentemente articulam dimensões pedagógicas, sociais e culturais, possibilitando experiências formativas que ultrapassam a aprendizagem instrumental.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, buscando compreender as experiências e os sentidos atribuídos pelos participantes às práticas de ensino musical desenvolvidas na ONG pesquisada. A produção de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com ex-alunos e um professor que atuava na instituição. As entrevistas buscaram compreender aspectos relacionados às experiências de iniciação musical, estratégias pedagógicas, relações estabelecidas nas aulas e contribuições das experiências musicais para a vida dos participantes. A ONG pesquisada localizava-se no município de Bayeux - PB e desenvolvia atividades voltadas a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Entre as atividades oferecidas estavam oficinas de música, teatro, informática, esporte e formação humana. Os dados foram organizados e analisados a partir de categorias temáticas construídas com base nas narrativas dos participantes e articuladas ao referencial teórico da educação musical em contextos não formais.[1] A ONG como espaço de iniciação e socialização musical.

[1] Durante a preparação deste trabalho, as autoras Fabíola Santos e Carla Santos utilizaram o ChatGPT (versão gratuita) exclusivamente para revisão linguística. Após o uso desta ferramenta, as autoras revisaram e editaram o conteúdo gerado em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Como resultado da pesquisa, foi possível entender a ONG como um espaço de iniciação musical e também de socialização. Grande parte dos estudantes entrevistados destacou em suas falas que a ONG pesquisada constituiu-se como espaço de iniciação musical. Muitos participantes afirmaram que o primeiro contato com a música ocorreu dentro da instituição, especialmente por meio das aulas de flauta doce. Fernando[2] relata que "O meu primeiro contato com a música foi na Casa da menina e do menino através da flauta doce" (Fernando, 2018). De forma semelhante, Samuel afirma que "meu primeiro contato com a música foi na ONG Casa da menina e do menino, onde passei quatro anos e por causa das aulas de música que me fascinam até hoje" (Samuel, 2018).

Os relatos demonstram que a instituição possibilitou não apenas o acesso à aprendizagem musical, mas também o contato com instrumentos e experiências musicais até então ausentes na trajetória dos participantes. Nesse sentido, a ONG configurava-se como espaço de acesso à educação musical em um contexto marcado por limitações sociais e econômicas. As narrativas dialogam com as discussões de Kleber (2006), ao compreender os projetos sociais como espaços capazes de articular educação musical, inclusão e desenvolvimento humano. Para a autora, esses contextos ampliam possibilidades de participação cultural e de construção de vínculos sociais por meio da música.

Além da iniciação musical, os participantes destacaram a dimensão coletiva das atividades desenvolvidas na instituição. As oficinas aconteciam em grupo e envolviam diferentes experiências de participação, convivência e interação entre os estudantes. Samuel relata que participava "das aulas de música, educação física, informática e formação humana" (Samuel, 2018). Já Maria afirma que participou de diversas oficinas oferecidas pela ONG, destacando especialmente as atividades musicais. Esses relatos evidenciam que as experiências desenvolvidas na instituição não aconteciam de forma isolada. As oficinas articulavam práticas educativas, culturais e sociais, promovendo processos de convivência e participação coletiva.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Souza (2008), ao defender que os processos de aprender e ensinar música acontecem em múltiplos espaços do cotidiano e são

[2] Foram utilizados nomes fictícios para manter o anonimato dos participantes: Samuel, Maria, Fernando, Daniel e Roberto.

atravessados pelas experiências sociais e culturais dos sujeitos. Assim, as práticas musicais desenvolvidas no contexto investigado ultrapassavam uma formação exclusivamente técnica, envolvendo experiências de convivência, pertencimento e construção de sentidos em torno da música.

Outro aspecto recorrente nas narrativas diz respeito aos vínculos estabelecidos entre os participantes durante as atividades musicais. Maria afirma que gostava da oficina de música porque “me sentia bem tocando” e porque estava “com pessoas que gostava” (Maria, 2018). Os dados indicam que as experiências musicais desenvolvidas na ONG estavam diretamente relacionadas aos processos de socialização e construção de pertencimento. Assim, a música assumia função mediadora das relações estabelecidas entre os participantes.

As falas dos entrevistados permitiram compreender que o envolvimento com a música estava associado não apenas ao interesse pelo aprendizado instrumental, mas também às relações afetivas construídas no interior do grupo. Nesse sentido, Kater (2004) ressalta que projetos sociais em música podem assumir importante papel formativo quando desenvolvem práticas musicais significativas e articuladas às realidades socioculturais dos participantes. Mais do que espaços de ocupação do tempo, tais projetos podem constituir experiências educativas capazes de produzir identificação, permanência e participação coletiva.

Estratégias pedagógicas e ensino coletivo

As entrevistas revelaram que o ensino musical desenvolvido na ONG acontecia predominantemente em grupo, envolvendo práticas coletivas, atividades instrumentais e experiências de conjunto. Segundo os participantes, as aulas de música incluíam atividades de prática instrumental, leitura musical, exercícios rítmicos e apresentações coletivas. Além disso, os estudantes participavam de grupos artísticos formados na instituição, como a orquestra de flauta doce, coral e grupo de percussão. Daniel relata que os alunos podiam mudar de naipe na orquestra “de acordo com o desenvolvimento no instrumento” (Daniel, 2018). O relato evidencia que havia uma organização pedagógica voltada ao acompanhamento do desenvolvimento musical dos participantes. Tal aspecto demonstra que o trabalho pedagógico desenvolvido não se restringia a atividades recreativas, mas contemplava processos de aprendizagem musical estruturados e progressivos.

Os dados também indicam que o professor utilizava diferentes estratégias pedagógicas durante as aulas. Entre elas estavam o ensino coletivo, atividades individuais de apoio, exercícios de imitação, uso de partituras, repertório regional e práticas de conjunto. Maria destaca que o ensino coletivo favorecia sua aprendizagem porque observava "os outros colegas" durante as aulas (Maria, 2018). A narrativa aponta para processos de aprendizagem construídos por meio da observação, interação e participação coletiva. Cruvinel (2005) afirma que o ensino coletivo favorece processos de socialização, cooperação e motivação entre os estudantes. Essas características aparecem de forma recorrente nos relatos dos participantes da pesquisa. Ao observar os colegas, compartilhar dificuldades e participar das práticas coletivas, os estudantes construíam aprendizagens musicais mediadas pelas relações estabelecidas no grupo.

Além disso, as experiências descritas pelos participantes aproximam-se das discussões de Souza (2008), ao compreender a aprendizagem musical como prática social construída nas interações cotidianas. Nesse contexto, o aprendizado ocorria não apenas na relação direta entre professor e aluno, mas também nas trocas estabelecidas entre os próprios participantes durante as atividades coletivas. Kleber (2006) também destaca que práticas musicais desenvolvidas em projetos sociais frequentemente articulam dimensões pedagógicas e sociais, promovendo experiências de participação e pertencimento. No contexto investigado, as apresentações musicais, os ensaios coletivos e a participação nos grupos artísticos fortaleciam os vínculos entre os estudantes e contribuíam para o engajamento nas atividades da instituição.

As narrativas evidenciam ainda que o ensino coletivo desenvolvido na ONG favoreceu não apenas o desenvolvimento técnico-musical, mas também experiências relacionadas à disciplina, responsabilidade e convivência coletiva. Dessa forma, as práticas pedagógicas desenvolvidas na instituição aproximavam-se de uma perspectiva de educação musical que compreende o fazer musical como experiência social e formativa, articulando aprendizagem musical e formação humana.

Considerações finais

A pesquisa permitiu compreender que as práticas coletivas de ensino musical desenvolvidas na ONG investigada constituíram experiências significativas para os participantes, articulando processos de aprendizagem musical, convivência social e formação humana. Os relatos evidenciaram que a instituição desempenhou um papel relevante como espaço de acesso à educação musical, especialmente para estudantes que tiveram nesse contexto seu primeiro contato sistematizado com a música.

As narrativas também demonstraram que o ensino coletivo ocupava lugar central nas ações pedagógicas da instituição, favorecendo experiências de participação, cooperação e construção de vínculos entre os estudantes. Nesse processo, a aprendizagem musical esteve associada não apenas ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades musicais, mas também à vivência de práticas coletivas que contribuíram para a permanência dos participantes nas atividades e para a atribuição de sentidos positivos às experiências musicais.

Os resultados reforçam discussões presentes na área da educação musical que compreendem os contextos não formais como espaços legítimos de ensino e aprendizagem da música. Nesse sentido, o estudo evidencia a importância de iniciativas socioeducativas que promovam o acesso à prática musical de forma articulada às realidades sociais e culturais dos participantes, reconhecendo a música como prática social e educativa.

Por fim, a investigação contribui para ampliar a compreensão sobre as potencialidades das práticas coletivas de ensino musical em projetos sociais, apontando a necessidade de novas pesquisas que aprofundem a análise das experiências formativas construídas nesses contextos e de suas contribuições para os diferentes percursos de aprendizagem musical.

Referências

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 29-36.

ALMEIDA, Cristiane Galdino. *Educação musical não-formal e atuação profissional*: um survey em oficinas de música de Porto Alegre- RS. Porto Alegre. 168 f. Dissertação (Mestrado em educação musical). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *Em pauta: Revista do programa de pós-graduação em Música*, UFRGS, 13, 20, p. 95-121, 2002.

BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. *Em Pauta: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música,* UFRGS, V. 11, Nº16/17, p. 146-174, 2000.

CRUVINEL, Flavia Maria. *Educação Musical e Transformação Social*: uma experiência com o ensino coletivo de cordas. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

FIALHO, Vânia A Malagutti. Hip hop sul: um espaço televisivo de formação e atuação musical. Porto Alegre. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

FONTES JUNIOR, José; CARVALHO, Valéria. As dimensões formativo-musicais na ONG Ilha de Música: uma perspectiva sobre o ensino de música de um projeto social. *Revista da ABEM*, [s. l.], v. 28, p. 115-138, 2020.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, nº 10, p. 43 – 51, 2004.

KLEBER, Magali. Terceiro setor e projetos sociais em música. In: *Ponto de vista*, 2003. Disponível em < http://rets.rits.org.br >. Acesso em 07 de fev de 2026.

KLEBER, Magali. Projetos sociais e a prática da educação musical. In *Anais* do XIV Congresso da ANPPOM. XIV Congresso da ANPPOM, Porto Alegre, de 18 a 21 de agosto de 2003, p. 1484-1595, 2003a.

KLEBER, Magali. Terceiro Setor, ONGs e Projetos Sociais em música: breves aspectos da inserção no campo empírico. In: XIII Encontro Anual da ABEM, 2004, Rio de Janeiro. XIII Encontro Anual da ABEM - Rio de Janeiro: *anais*. Rio de Janeiro: ABEM, 2004. p. 677-684.

KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ONGs*: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. Tese (Doutorado em Música)–Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MILIENE, Antônia; EUFRÁSIO, Vinícius. Projetos sociais em música do Alto Oeste Potiguar: mapeamento, práticas e desafios nos processos educativos. *Revista da ABEM*, [s. l.], v. 32, n. 2, e32205, 2024.

MÜLLER, Vânia Malagutti Fialho. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 53-58, mar. 2004.

QUEIROZ, Luis Ricardo da Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, Nº 10, 99-107, 2004.

QUEIROZ, Luis Ricardo da Silva. Performance musical nos ternos de Catopés de Montes Claros. Bahia. 237 f. (Tese de Doutorado em Etnomusicologia) Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 2005.

SANTOS, Regina Marcia Simão.“Melhoria de vida” ou “fazendo vibrar”: o projeto social para dentro e fora da escola e o lugar da educação musical. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, nº 10, p. 59 - 64, 2004.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, Nº 10, p.7-11, 2004.

SOUZA, Jusamara. (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Sulina: Porto Alegre, 2008.